

CINEMATECA PORTUGUESA, MUSEU DO CINEMA

21 de Setembro de 2022

JOÃO BOTELHO - FILMES SÃO HISTÓRIAS, O CINEMA É A MANEIRA DE AS  
CONTAR

## OS MAIAS - CENAS DA VIDA ROMÂNTICA / 2014

*Um filme de João Botelho*

*Argumento:* João Botelho, baseado em “Os Maias”, de Eça de Queirós (1888) / *Diretor de fotografia (digital, preto e branco e cor):* João Ribeiro / *Direção artística:* Sílvia Grabowski / *Painéis:* João Queiroz / *Música:* trechos do Concerto nº 5 em mi bemol maior, op. 73, dito “O Imperador”, de Beethoven e de “Addio del passato”, ária de “Traviatta”, de Verdi / *Montagem:* João Braz / *Som:* Jorge Saldanha, Francisco Veloso / *Interpretação:* Graciano Dias (*Carlos da Maia*), Maria Flor (*Maria Eduarda*), Pedro Inês (*João da Ega*), João Perry (*Afonso da Maia*), Hugo Mestre Amaro (*Dámaso Salcede*), Marcello Urgeghe (*Craft*), Adriano Luz (*Conde Gouvarinho*), Maria João Pinho (*Condessa de Gouvarinho*), Pedro Lacerda (*Alencar*), José Manuel Mendes (*Guimarães*), Sandra Santos (*Raquel Cohen*), João Pedro Vaz (*Jacob Cohen*), Catarina Wallenstein (*Maria Monforte*), Ana Moreira (*Maria Eduarda Runa*), Rui Morrison (*Vilaça*), André Gonçalves (*Castro Gomes*), Ricardo Aibéo (*o Conde Steinbroken*), Diogo Vida (*Cruges*), Francisco Tavares (*Eusébio*), Rita Blanco (*Maria da Cunha*), Sara Mestre (*Rosa*), Cândido Ferreira (*D. Diogo*), André Gomes (Sousa Neto), João Araújo (*Batista*), Jorge Vaz de Carvalho (*voz do narrador*).

*Produção:* Alexandre Oliveira para Ar de Filmes e Raccord Produções / *Cópia:* digital (suporte original) / *Duração:* 185 minutos / *Estreia mundial:* 11 de Setembro de 2014, no Porto (Teatro São João) e Lisboa (cinema Ideal, na versão longa) / *Primeira apresentação na Cinemateca (foi apresentado uma vez numa sessão escolar, no âmbito das atividades da Cinemateca Jr., a 15 de Fevereiro de 2016, com a presença de João Botelho).*

**Apresentamos a “montagem do autor”, cinquenta minutos mais longa do que a teve distribuição comercial.**

\*\*\*\*\*

**Os Maias** prolonga uma orientação do cinema de João Botelho que se esboçara em **Quem és Tu?** e foi retomada, depois de um hiato, em **A Corte do Norte** (2008) e **Filme do Desassossego** (2010). Nesta vertente do seu cinema, Botelho aborda clássicos da literatura portuguesa e continuou a fazê-lo. Botelho vira-se recusar financiamentos para alguns projetos bastante originais, o que parecia indicar que deixara de haver espaço para aquele tipo de projetos em Portugal, o que empurrava realizadores como ele para o desemprego ou para a renúncia a tudo o que tinham feito até então. Além disso, no estreito panorama cinematográfico português, Botelho começava a fazer parte dos “velhos” em relação aos quais os realizadores mais jovens (alguns dos quais demonstraram ser resolutos construtores de carreiras internacionais) tinham pouca tolerância, devido ao pouquíssimo dinheiro disponível para fazer filmes.

Ao fazer **Os Maias**, Botelho deu-se um desafio talvez mais difícil para ele do que **Filme do Desassossego**, na medida em que o romance de Eça tem uma trama narrativa extremamente estruturada, o que é contrário aos seus hábitos de cineasta, para quem o cinema “*é a narrativa e outras coisas*”. Ao abordar o romance, Botelho buscou aquilo que realmente lhe interessava: mostrar o que se prolonga no Portugal de início do século XXI daquele Portugal de fins do século XIX descrito por Eça de Queirós, que como tantos romancistas do século XIX foi um autêntico sociólogo, para além dos seus méritos literários. Entre aquilo que se prolonga da sociedade do século XIX na do século XXI está o facto de “*em Portugal, a principal função do governo sempre foi organizar a dívida*”, nas palavras do banqueiro Efraim, uma observação mais do que pertinente e atual quando o filme foi feito e Portugal estava sob tutela financeira.

Botelho concentrou a sua adaptação nos dois aspectos centrais do livro: a crítica das tacanhas elites locais e a trágica relação amorosa entre os protagonistas. Foi abolida a estrutura em *flashback* da parte inicial do livro, começando pela juventude de Afonso da Maia e seguindo cronologicamente as principais etapas do romance, com a exclusão de diversas, a mais significativa das quais é a infância de Carlos da Maia na quinta do avô. Depois de um preâmbulo a preto e branco, o filme desliza delicadamente para a cor quando Carlos da Maia torna-se adulto e instala-se definitivamente em Lisboa. A partir daí, na montagem do autor que vamos ver, **Os Maias** está dividido em duas partes de cerca de noventa minutos cada uma (o equivalente a duas longas-metragens), a primeira das quais é dedicada à crítica das elites e a segunda àquilo que o realizador chama “o *melodrama*”, mas que pode ser definido como um drama: a relação incestuosa entre irmãos que não sabem que o são e acabarão por descobrir a verdade. A escassez de meios em nada afetou as opções estéticas de Botelho, que tinha que fazer um filme “de época”, com inevitáveis fatos e adereços (há também algumas piscadelas de olho: alguém tem nas mãos um romance de Eça de Queirós, **A Capital** e na mesa ao lado da qual Afonso da Maia vem morrer está um exemplar de **Cândido** de Voltaire). Todos os cenários exteriores são figurados por esplêndidas telas pintadas por João Queiroz, um elemento de estilização muito próximo do primeiro filme do realizador, **Conversa Acabada**. Um momento especialmente conseguido nesta lógica formal é a estilizadíssima sequência das corridas no hipódromo, em que a multidão é mostrada numa tela pintada, o ambiente é criado pelo som e alguns cavalos passam em *ralenti* pelo écran. O uso da “música de fundo”, não diegética, é extremamente escasso, limitando-se a algumas passagens do movimento lento do concerto “Imperador” de Beethoven e a uma ária de ópera no desenlace Há inclusive um uso “submerso” da peça de Beethoven, na sequência em que os dois amantes se beijam pela primeira vez, em que ouvimos os acordes que preparam o vigoroso movimento final, análogo à paixão física que vai nascer.

Estas opções de *mise en scène*, que favorecem a presença do verbo, inclusive a voz *off* de um narrador que lê trechos do romance - voz do próprio Eça de Queirós - apoia-se na aura vocal dos atores - o romance é adaptado como se fosse uma peça. Esta opção tem um efeito de lupa, isolando e ampliando a presença dos atores e dos cenários, o que elimina qualquer minúcia descritiva. **Os Maias** tem, por conseguinte, um dispositivo formal extremamente definido, que não deixa muitas frestas, embora o espectador possa ter a ilusão que sim, na medida em que está diante da representação de acontecimentos narrativos e não diante da encenação daquilo que é puro verbo, como em **Filme do Desassossego**. Uma crítica feita por alguns comentadores ao filme é que Botelho concentrou-se no seu dispositivo formal, explorando com menos intensidade o trabalho dos atores e diminuindo com isso o impacto emocional da parte final. Mas Botelho sublinha a violência do drama no desenlace através de outros meios: um quadro representando o Cristo quando Afonso tem consciência da desgraça, o *Addio del passato* da *Traviatta*, ária em que uma cortesã se despede da vida, quando outra cortesã foge de tudo, pois o seu mundo desabou. **Os Maias** teve enorme êxito de público, ultrapassando os cento e vinte mil espectadores, o que é muito no reduzido parque de salas português.

Antonio Rodrigues